

POLIFONIA	CUIABÁ	EdUFMT	Nº 11	p. 159-174	2005/2006	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	------------	-----------	----------------

## BATIDAS DE CABEÇA: UM CHOQUE DE CULTURAS

**João Carlos Cattelan\* (UNIOESTE)**  
**Luciane Thomé Schröder\*\* (UNIVEL)**

**RESUMO:** Este artigo pretende, a partir do relato de um episódio ocorrido numa viagem ao Peru, efetuar reflexões sobre o fato de as culturas lerem o mundo de forma diferente; de o discurso só fazer sentido, por referência ao lastro cultural que o sustenta; de o confronto cultural ser uma maneira de a cultura ser trazida à consciência; de a crise ser um evento para o aprendizado de convívio com o diferente; e de os choques culturais, mais do que permitirem o aprendizado da tolerância, terem levado os homens à intransigência e à agressividade. Para a condução da discussão, tomamos como dado empírico o evento citado e um enunciado produzido por um dos docentes excursionistas que participaram do passeio ao lago Titicaca e à aldeia dos aimaras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso. Cultura. Relações matrimoniais.

### KNOCK ON THE HEAD: A CLASH OF CULTURES

**ABSTRACT:** In this paper, we intend, from the relate of an occurred episode in a trip to Peru, to effect some reflections on the fact of different cultures read the world in different ways; the discourse only to make sense, having for basis the cultural ballast that supports it; the cultural confrontation to be a way of the

---

\* O autor é docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná desde 1986. É doutor pela Unesp de Araraquara e atua como docente nos cursos de Graduação, Especialização e Mestrado em Letras.

\*\* A autora é docente da Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas de Cascavel desde 2001. É mestre pela Unioeste e atua como docente em diversos cursos de Graduação da Univel e em Especializações do Paraná.

proper culture to be brought to the conscience; the crisis moment to be an important event for the learning of conviviality with the different one; and the cultural shocks, more than to allow the learning of tolerance, to have taken the men to intolerance and the aggressiveness. For the discussion, we consider as empirical data the mentioned event and a produced statement for one of the hikers teaching who had participated of the stroll to the Titicaca lake and the village of aimaras.

**KEYWORDS:** Discourse. Cultural ballast. Marriage relations.

## 1. Introdução

Viagens são espaços percorridos num determinado intervalo de tempo e permitem ao corpo, que, no presente, está aqui, num momento posterior, estar noutro lugar. Elas propiciam a experiência do deslocamento do corpo de um cenário com que os olhos estão acostumados e já o tornaram espelho, para um outro, estranho, diferente, des-naturalizado. Entre o aqui e o lá, não deixa de haver uma crise visual; sempre, as imagens, excessivamente cristalizadas por um olhar repetitivo, arriscam-se a se fragmentarem em cacos de espelho que se desintegram ou, noutro extremo, recrudescem, impondo-se enfaticamente como a maneira de a natureza ser recomposta. Aceitas certas afirmações, a segunda atitude se impõe com maior recorrência.

Mas, se, por um lado, viagens são formas de se confrontar visualmente com outros contornos, por outro, às vezes, elas se tornam a experiência crucial de crise de identidade, um embate e um choque profundo com uma alteridade que se vale de outros parâmetros para legibilizar a natureza e a cultura. Outras formas de compreensão se revelam então e o chão seguro por meio do qual a viagem se fazia pela vida afora sofre um abalo: isto ou aquilo? Em geral, podem-se ter quatro atitudes em relação ao diferente: ou ele é considerado como exótico e se integra ao conjunto das curiosidades conhecidas que podem ser contadas para os amigos; ou ele é francamente rejeitado, por ser considerado imoral, desumano, bárbaro, retrógrado e pecaminoso; ou ele permite a experiência de pôr em xeque a cultura que se

partilha, mas cai no esquecimento em seguida, não se tornando uma voz autorizada; ou, por fim, ele cria rupturas sobre a estabilidade do conhecido, fazendo com que este se fragmente e leituras sejam sobre-determinadas por outros efeitos de sentido. Há viagens e viagens.

Pretendemos, valendo-nos do relato de uma viagem, mais especificamente, de um episódio ocorrido durante a mesma, efetuar algumas reflexões sobre o fato de culturas diferentes lerem o mundo de forma diferente; de o discurso só fazer sentido, tendo por base o lastro cultural que o sustenta; de o confronto cultural ser uma das maneiras de a cultura própria ser trazida à consciência; de o momento de crise ser um acontecimento importante para o aprendizado de convívio com o diferente; e de os choques culturais, mais do que permitirem o aprendizado da tolerância, terem levado os homens à intransigência e à agressividade.

## **2. Lastro cultural, discurso e sentido**

É fato reconhecido que o texto, entendido como a materialidade e a concretude dos recursos utilizados para a interação, não possui um sentido que seja elemento intrínseco à sua existência. Para a sua legibilidade, pesam inúmeros fatores que o transcendem e permitem que os seus efeitos de sentido sejam especificados. Estes fatores, grosseiramente chamados de contextuais, têm as mais diferentes naturezas e podem compensar a incompletude do texto, tornando-o discurso, de diferentes modos. Eles podem ser de ordem sociológica, psicanalítica, ideológica, dentre outros. Com esta enumeração sumária, explicitamos que entendemos que nem todo texto/discurso seja explicado apenas por fatores ideológicos, pelo menos não para uma determinada concepção de ideologia. De nossa parte, preferimos reunir estes fatores contextuais sob a noção de lastro cultural, entendendo-o como a produção humana (portanto, não-natural) de um grupo que lhe permite as atitudes e os textos/discursos que produz.

Esta forma de compreensão é avalizada pelo historiador

francês, Chartier (1982, p. 17), para quem os homens se organizam a partir de práticas culturais, que se referem

às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, elas são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.

Tributárias de configurações humanas que recortam o complexo indistinto e abstrato da humanidade, as formas de compreensão, de apreensão e de percepção do mundo são ubiquamente heterogêneas. Nada de universal ou de ontológico se impõe sobre o sentido atribuído ao mundo pelos homens. Dependendo das relações que estabelecem entre si e para com a natureza, eles, historicamente, desenvolvem disposições e esquemas intelectuais dos quais se valem para afirmar que o sentido é um e não outro. São estas formas de apreensão incorporadas e apreendidas que norteiam a compreensão que têm do mundo, dos outros e do espaço que decifram. Mera paráfrase da citação feita anteriormente, estas afirmações apenas fazem reiterar a convicção de que os agrupamentos sociais não lêem o mundo da mesma forma e que o horizonte cultural de que participam e que lhes parece natural (é assim, porque sempre foi assim) é o filtro que os faz interpretar os discursos e lhes darem a carga valorativa que lhe atribuem. Esta forma de compreensão atravessa ubiquamente a linguagem e a língua e discurso algum é compreensível fora do domínio cultural em que ocorre.

A crença de que o sentido circula com dificuldade e requer uma comunhão de conhecimentos e crenças por parte daqueles que se lêem para que possam se compreender pode ser buscada também em Vigner (1988, p. 35), para quem “O texto,

enfim, será legível em relação a uma norma ou a uma certa concepção do verossímil”.

Norma e verossimilhança funcionam como um sistema ideológico partilhado pelo escritor e o leitor, e permitem representar e interpretar o mundo de maneira idêntica. Uma obra verossímil será, portanto, uma obra a propósito da qual será fácil para o leitor formular hipóteses interpretativas, o que diminuirá em proporções notáveis o seu nível de incerteza inicial, uma leitura fácil de empreender. Daí, inversamente, a dificuldade da leitura de obras do passado ou provenientes de outros sistemas culturais, para um leitor que não compartilha esse implícito ideológico.

Embora o autor fale em sistema e implícito ideológico, o que já foi colocado como um ponto de discordância, a base da sua crença também aponta para o fato de que pessoas pertencentes a sistemas culturais distintos terão dificuldade de compreensão entre si, o que não ocorre, caso os interlocutores pactuem do mesmo universo cultural, tendo internalizadas as mesmas normas e condições de verossimilhança. Sendo, no caso, o escritor e o leitor (ou os interlocutores, de forma geral) pertencentes ao mesmo sistema de crenças, mais facilmente eles podem estabelecer o efeito de sentido do discurso, já que compartilham de um lastro cultural que lhes propicia o domínio sobre o universo implícito do discurso e lhes facilita o processo de inferenciação necessário à compreensão e à realização da completude textual.

Um exemplo apenas para que possamos, com maior precisão, estabelecer o que chamamos de lastro cultural e didatizar o conceito. Numa ocasião, um vizinho estava cortando a grama do seu terreno. Como estava com tempo livre, **A** foi até ele e ficaram conversando, enquanto **B** trabalhava. Depois de um tempo, chegou **C**, ao qual **A** não conhecia. **B**, então, fez a apresentação, dizendo exatamente: “Esse é o João, ele é professor, mas é um cara legal”. Tudo se deu dentro da mais absoluta normalidade: sem risos, ironias, ou entonações especiais. O

enunciado produzido, aparentemente, não veiculava nada de extraordinário: afinal, João era professor e, a julgar pelas palavras do vizinho, um cara legal. Porém, sem pretender uma análise mais demorada, é possível afirmar que o uso do *mas* permite inferir uma afirmação do tipo “Os professores não são pessoas legais”. É exatamente aí que o conceito de lastro cultural se torna operativo, pois é o responsável pela construção da relação de contradição e ressalva, permitindo que o locutor diga o mínimo possível e deixando para o interlocutor a tarefa de preencher as lacunas que se fizerem presentes. Neste caso, se há um preconceito ou uma realidade de fato sustentando o discurso, eles não se devem ao locutor ou a quem não o repreende pelo que diz, mas ao contexto cultural que os açambarca; isto é, ao lastro cultural que baliza e avaliza os enunciados produzidos.

### **3. O dado de análise**

Numa excursão organizada por docentes da universidade, cujo objetivo central era conhecer a cidade de Machu Picchu, lugar que dispensa apresentação, por uma série inesperada de acontecimentos, a viagem teve que ser desviada de seu roteiro inicial, devendo passar por Puno, cidade ribeirinha ao lago Titicaca: um imprevisto muito bem-vindo por todos. Estando ali, aproveitou-se o momento. Informações deram conta de que era possível fazer um passeio turístico no lago, o que incluía uma visita a uma ilha habitada por *aimaras*, cuja vida tem como elemento material de subsistência uma planta chamada *titora*, vegetal que, nascido no fundo do lago, aparece na superfície e é colhido para fazer barcas, casas e alimento. A ilha, aliás, é feita da acamação dessa planta. Na ilha, vista com olhos de estrangeiro que contempla algo exótico, cada um tratou de descobri-la à sua maneira.

Como uma guia turística acompanhava o grupo, a maior parte dos professores ficou próxima a ela, aproveitando para questioná-la sobre o sistema cultural da aldeia de nativos, falantes do quéchua, língua dominada por ela, que traduzia as respostas para o espanhol. Dentre os temas abordados, um deles,

ao qual nos detemos neste texto, versou sobre o sistema matrimonial dos habitantes da aldeia.

A guia, tomando por base o que os nativos iam contando, relatou que é costume na aldeia que os jovens permaneçam virgens até determinada idade (aproximadamente, dezesseis anos). Quando decidem tentar o “casamento”, os dois jovens vão morar juntos e têm um ano para definirem se permanecerão como casal ou não. Se não der certo, a relação simplesmente acaba e cada um tem direito a uma segunda chance. Se a relação se tornar indesejável, depois de um ano, ela é desfeita novamente e há uma terceira possibilidade. Se, desta vez, a opção for novamente pela separação, o renitente que, pela terceira vez, saiu de uma relação é banido da ilha. No momento em que um casal confirma que pretende ficar junto, isto somente depois da experiência de um ano, ocorre um ritual e festejos das bodas pela tribo. O “casamento” é indissolúvel e a fidelidade deve ser perene. Se alguma transgressão for cometida por qualquer um dos dois parceiros, o transgressor é banido da ilha, não podendo retornar.

É quase desnecessário chamar a atenção para a prática cultural diferenciada vivida pelos habitantes, quando a mesma é comparada à nossa, em que a virgindade não é mais tabu, a traição é vista quase como regra, a indissolubilidade do casamento deixou de existir, a penalidade para os “pecadilhos” não existe (a não ser a censura social, o que não é pouco) e a possibilidade de experimentar o casamento não se vislumbra como alternativa. Nem precisaria relatar, também, o pasmo que tomou conta de muitos dos presentes, com as expressões fisionômicas variando entre o estranhamento e a repulsa. Nada como um choque inesperado entre culturas distintas, para se tomar consciência do mundo em que se vive, das crenças que se professam e dos comportamentos que se têm e nada melhor do que um acontecimento como este, para que se tomem, em relação à alteridade, atitudes que podem variar desde a tolerância e a pluralidade democrática, até a negação mais violenta do outro. Em termos freudianos (1997: p. 105), dominados por um superego cultural que é imposto de forma inconsciente, os indivíduos primam pelo “programa do princípio do prazer, que consiste em encontrar a satisfação e a felicidade” e um evento

como este cria rupturas num mundo tido como homogeneamente universal. Acreditando-se no autor, os homens seriam naturalmente dotados de um instinto de agressividade e, na luta entre Eros e Tanatos, como o superego cultural os impede de se agredirem entre si, a liberação da repressão pode se dar, principalmente, em relação ao elemento estranho e diferente. Não há, portanto, porque estranhar a rejeição e as críticas efetuadas em relação à aldeia: é a voz de uma cultura que, narcisista, categoriza a outra como pagã, bárbara ou não-civilizada: ou as três coisas juntas.

Na interface que se estabeleceu entre um grupo de brasileiros e alguns indivíduos da tribo dos aimaras, sobretudo com os primeiros sendo postos frente a uma cultura distinta da sua, os diferentes olhares avaliativos que os primeiros lançaram sobre os segundos iam desde a curiosidade pelo exótico, sem nenhuma contundência de alcance cultural, um mero olhar contemplativo, até a forma menos disfarçada de reprimenda, com o olhar de reprovação que acompanha o dedo em riste. Deve-se fazer notar que, em nenhum dos discursos, pôde ser vista uma atitude de tolerância e de aceitação do diferente ou de questionamento da própria cultura. As atitudes se limitaram a manter o outro à distância: seja pela simples manifestação de indiferença, seja pela rejeição aberta e explícita a uma atitude “pagã”. Para Bourdieu (1999, p. 70), uma cultura é absorvida e imposta de forma tão efetiva sobre o indivíduo, que ela passa a ser vista como natural, apagando o evento social de sua constituição. Para o autor, apenas por meio da *anamnese*, “reapropriação de um conhecimento, ao mesmo tempo possuído e perdido desde sempre”, é possível perceber a que mundo se pertence e por que se dizem as coisas que se dizem, sendo os momentos mais propícios para esta ocorrência aqueles em que duas culturas se confrontam: o que era tipicamente o caso. No entanto, o que se viu foi a rejeição pura e simples do mundo do outro e nenhuma forma de indagação sobre o próprio lastro cultural, o que permitiria gerar a desnaturalização de uma cosmovisão que nada mais é do que histórica. O momento propício para a *anamnese* não produziu efeitos em termos de reconquista e domínio sobre um dos fragmentos da visão de mundo que um determinado

grupo possuía do seu universo.

Para Bourdieu (1999, p. 70), por meio da anamnese, pode-se buscar reconstituir

um inconsciente ao mesmo tempo coletivo e individual, traço incorporado de uma história coletiva e de uma história individual que impõe a todos os agentes, homens ou mulheres, seu sistema de pressupostos imperativos—do qual a etnologia constrói a axiomática potencialmente libertadora.

O autor atenta para o fato de que o inconsciente coletivo que atravessa um grupo cultural é resultado de um processo histórico e não de fatores naturais, processo que deve ser trazido à tona, para que homens e mulheres percebam o conjunto de pressupostos que orientam seus discursos e comportamentos, podendo, então, libertarem-se das amarras que os direcionam. Sem negar o potencial libertador do processo anamnético, deve-se questionar por que, dada a oportunidade, a libertação foi trocada pelo recrudescimento de uma posição. Talvez o cruzamento da anamnese como processo libertário com as concepções freudianas de superego cultural e instinto de morte possa ser um caminho para alguém que tenha a competência e o conhecimento percorrer.

#### **4. Um diálogo?**

Tratam-se, como se pode ver, de duas formas distintas de compreender e organizar as relações matrimoniais. De um lado, a pressuposição da virgindade, da monogamia e da fidelidade e, do outro, da possibilidade de experimentar o “casamento”, da não necessidade da virgindade (pelo menos, após um certo limite de tempo) e da fidelidade e da monogamia obrigatórias, sob pena de expulsão da ilha em que se viveu até então.

É fundamental notar que os aimaras em questão vivem numa ilha, literalmente; e, portanto, circunscrevê-los e à sua cultura parece uma tarefa relativamente mais fácil, dado que

espacialmente, inclusive, a sua delimitação é mais segura. Mas o que, no caso deles, é efetivamente uma ilha (por isso, talvez, constitua um recorte cultural melhor delineável) não deixa de ser a re-encenação do que acontece nas sociedades humanas que não são separadas por grandes volumes de água, mas por um conjunto de outros materiais que as fazem se delimitarem reciprocamente.

Pode-se afirmar que, no episódio relatado, há, pelo menos, dois lastros culturais em confronto, cada um deles permitindo que discursos sejam produzidos e explicitando o mínimo necessário para fazer sentido, já que o conjunto de dados pressupostos por cada uma das culturas é de domínio comum dos interlocutores. Cada um desses lastros vai permitir que pressupostos, subentendidos, encadeamentos e conexões enunciativas possam ocorrer. Afirmer, por exemplo, em cada uma dessas culturas, que alguém é “casado” não é dizer a mesma coisa e nem induzir ao mesmo conjunto de inferências. Num caso, de “ser casado”, deduz-se que é virgem (pelo menos, na primeira experiência), é monogâmico, é fiel e pode apenas estar tendo uma, dentre três possibilidades, experiência do que é viver maritalmente com outra pessoa, além de poder ser exilado, se estes princípios não forem atendidos. No outro caso, nenhum destes encadeamentos seria obrigatoriamente verificável. O efeito de sentido do enunciado e todos os seus encadeamentos “lógicos” correlatos são, portanto, resultado da conjunção de uma língua com uma cultura.

De toda a conversa ocorrida, tomamos um caso em particular para análise e demonstração de como o lastro cultural orienta aquilo que se diz e o seu efeito de sentido e como duas culturas em confronto podem causar o assombro e o desentendimento ocorridos naquele instante. É desnecessário dizer (a história tem inúmeros exemplos para ilustrar esta afirmação) que tais diferenças têm sido motivo para atitudes belicosas, que têm causado genocídios entre os agrupamentos culturais humanos.

Após o relato por parte dos aimaras e da versão para o espanhol pela guia sobre a forma de relações matrimoniais entre

os nativos, um dos docentes, não conseguindo silenciar, e a enunciação, como se sabe, é relevante, fez a seguinte pergunta:

– E o rapaz não acha ruim ficar com uma mulher que já teve outro?

Uma pergunta como esta não seria feita, com certeza, por algum habitante da ilha. Não haveria razão para um deles estranhar o fato de a mulher ou de o homem já terem tido um parceiro sexual. A questão só pode ser feita por quem tenha como valor cultural a necessidade da virgindade e da castidade da mulher antes do casamento. Pode-se afirmar que o enunciado produzido se ancora em dois discursos difundidos socialmente: um, de cunho religioso, católico, ortodoxo e conservador; o outro, tipicamente machista, pautado numa visão de mundo androcentricamente organizada.

O primeiro, proveniente do discurso cristão católico, tem como uma de suas teses básicas a defesa de que a mulher (mais do que o homem, diga-se de passagem) deve se manter pura e virginal até o casamento, quando, então, deverá, perenemente, ter um e somente um parceiro sexual para toda a vida. Dominam esse ideário as “virtudes” da virgindade, da castidade e da abstinência sexual, cuja finalidade maior não deveria atender ao prazer, mas à procriação e multiplicação da espécie. Somente quem acredita e participa de um superego coletivo como este pode estranhar o relato de um rapaz que toma para “casamento” uma moça não mais virgem e acha isto tão estranho que explicitamente questiona o fato. Já afirmamos antes que este ideário se constitui mais como um conjunto de pressuposições do que de dados de fato. A afirmação da virgindade, da abstinência e da castidade como meta a ser alcançada tem se tornado cada vez mais um fato do discurso e não da vida, o que revela a hipocrisia ou cegueira por que, às vezes, andamos envolvidos. Continuamos a afirmar e a exigir dos outros valores e atitudes que são quimeras discursivas: a realidade, neste caso, já as suplantou. O problema se torna mais gritante, quando, como no caso, damos-nos ao direito de julgar culturas, tomando como filtro um lastro cultural mítico,

que só existe mesmo no plano do desejo ou do inconsciente, há muito tempo, estabelecidos.

O segundo, que se poderia chamar grosseiramente de machista, coloca o homem como peça central da sociedade, sendo dele o direito de estranhar ou não o fato de a mulher ser virgem ou não. O enunciado produzido pelo locutor, paradigmaticamente, alçou o *rapaz* à condição de tópico, tema ou sujeito discursivo, e não *a mulher*. Uma lógica elementar permite deduzir que, se um moço e uma moça já tiveram um período de experiência matrimonial, ambos não mais são virgens: então, por que não poderia ser a moça a “achar ruim” que o rapaz já tivesse tido outra? Crucialmente, para o locutor do enunciado, porque as exigências da castidade, da abstinência e da virgindade só são feitas para a mulher. Aliás, é dito do rapaz que não é portador de tais “virtudes” que ele tem “muita experiência”, expressão que aparece nos discursos carregada de um efeito de sentido positivo. Mescla de ditames do catolicismo e do machismo que nos caracteriza, o enunciado produzido só se tornou possível, porque tem esta base cultural para alicerçá-lo, emitindo juízos de valor sobre o mundo. Foucault (1999, p. 28), em um de seus estudos, afirma que:

Não se deveria dizer que a alma é uma ilusão, ou um efeito ideológico, mas afirmar que ela existe, que tem uma realidade, que é produzida permanentemente, em torno, na superfície, no interior do corpo pelo funcionamento de um poder que se exerce sobre o que são punidos – de uma maneira mais geral sobre os que são vigiados, treinados e corrigidos, sobre os loucos, as crianças, os escolares, os colonizados, sobre os que são fixados a um aparelho de produção e controlados durante toda a existência.

Visto desta maneira, o uso do corpo e as atitudes que se têm com relação a ele resultam de uma tecnologia de subjetivação que dita a todos os modos de se conduzirem pela vida, dispondo do tempo e do espaço de uma forma há muito tempo cristalizada

e, portanto, já tida como natural. Não parece haver uma explicação mais sensata para o enunciado do docente. Resultado de uma tecnologia de uso do corpo da qual ele não tem consciência e nem domina seus fundamentos históricos, o locutor só poderia dizer o que disse e não outra coisa qualquer. Como afirma Bakhtin (1999), todo enunciado supõe uma resposta compreensiva ativa e, talvez, a resposta dirigida ao professor o tenha feito, ali mesmo ou mais tarde, produzir a anamnese de que fala Bourdieu (1999), pois, frente à pergunta formulada, os aimaras se entrelharam, com ar de dúvida, buscando um sentido para o que ouviam, ficando em silêncio: ato altamente ruidoso. A guia por sua vez, limitou-se a dizer “não”.

Um episódio acontecido no início do passeio, quando tomávamos a embarcação que nos levaria à ilha, especificamente o fato de eu (João) ter batido a cabeça no teto da barca e isto ter provocado um pequeno sangramento, a partir de determinado momento, passou a ser lido como emblemático e metafórico. Passei a vê-lo como o prenúncio do confronto que eu presenciaria com a cultura aimara. Talvez seja preciso bater muito a cabeça e ter diversas perdas de sangue para que entendamos que o espelho nem sempre reflete exatamente o que esperamos e que as experiências de alteridade, mais do que no conduzirem ao despertar do instinto de agressividade, revelam-nos a historicidade da nossa cultura e algumas causas do nosso mal estar, pois, conforme Freud (1997, p. 38), “o que chamamos de nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos às condições primitivas”, já que, para o autor, “constitui fato incontroverso que todas as coisas que buscamos a fim de nos protegermos contra as ameaças oriundas das fontes de sofrimento fazem parte dessa mesma civilização”.

## **5. Três rostos, três olhares**

Para concluir estas reflexões sobre lastro cultural e sua importância para os discursos e as atitudes humanas, sobre o fato de ele ser a base para que diferentes leituras sejam feitas e

sobre a necessidade da tomada de consciência do mesmo para que outras miradas se construam, limitamos-nos a efetuar uma análise breve de parte do episódio relatado. Emitida a pergunta pelo docente, pelo menos, três rostos, três olhares, três expressões fisionômicas se desenharam: um, o dos aimaras, manifestando um misto de surpresa, incompreensão e dúvida sobre o sentido da pergunta; outro, o da guia, demonstrando entender por que a questão era feita, conhecer o seu sentido, mas sem nenhum toque de surpresa, nem de reprovação a qualquer um dos interlocutores (talvez, por conviver com dois mundos, a sua mirada sobre o costume aimara já tivesse se tornado tolerante – ela, inclusive, emitiu um sorriso levemente irônico); outro, ainda, o de alguns docentes, indicando reprovação, repulsa e rejeição, até certo ponto, amenizado pela educação que os ensinou a não serem agressivos.

Deve-se perceber que estes três olhares resultam de diferentes práticas culturais, as quais fazem com que o mundo seja vivido de uma determinada maneira e com que o modo de outros o fazerem provoca estranhamento, matizado por tonalidades que podem ir desde a simples curiosidade exótica até à repressão e opressão violenta. Estes três olhares não resultam de sujeitos individuais que, por alguma razão de ordem pessoal, agem como agem. A sua visada é calcada num lastro cultural que lhes dá o tom, a expressão fisionômica, os comentários e as atitudes que têm. Ela é resultado de uma história coletiva internalizada, que, pelo fato de ser a expressão comum de um grupo, tornou-se natural e universal. Portanto, conforme afirma Foucault (1996, p. 13), “é sempre na manutenção da cesura que a escuta se exerce”, cesura, repetimos, que sempre submete o outro a alguma forma de rejeição ditada pelo hábito cultural vivido e que faz achar que o mundo só pode ser lido de uma maneira: a do grupo que observa e se confronta com outro. Às vezes, esta rejeição chega às raias da loucura, provocando guerras e genocídios e revelando a agressividade, a maldade, e a intolerância de que o homem é capaz.

Ainda, para Foucault (1996, p. 14), os discursos são caracterizados por sistemas de exclusão e rarefação, sendo um destes a vontade de verdade, isto é: em tese, não lidamos com

verdades, mas com discursos que queremos que sejam verdadeiros. Para o autor, “o tipo de separação que rege nossa vontade de saber então é talvez algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se”. Nem precisaria dizer que esta vontade de verdade é determinada pela cultura de que fazemos parte e que, narcisistas que somos, pretendemos que seja a verdade dos outros. Talvez, devamos aprender a deixar de olhar unilateralmente para a cultura dos outros pretendendo modificá-la e dirigirmos, anamnesticamente, um olhar crítico em relação à nossa.

Para concluir, apenas mencionamos um “diálogo” que assistimos no programa Show da Fé, da Igreja Internacional da Graça de Deus, veiculado pela RIT (Rede Internacional de Televisão), no dia 06 de janeiro de 2006, apresentado pelo missionário R. R. Soares, em que o leitor talvez concorde que um quarto olhar pode ser encontrado. Ao questionamento feito ao vivo por um jovem telespectador, o missionário deu a resposta que as “suas” convicções determinavam. Eis o diálogo:

-Pastor, a gente já namora há seis anos e queria ir morar junto. O que o senhor pensa disso?

-Que é isso, meu filho? Isto é fornicação! Toma vergonha e vá viver decentemente (isto dito com um sorriso debochado, um tom de reprovação e gestos de desmerecimento – apenas menciono o fato de o riso propiciar, de forma mais adequada, a entonação de sarcasmo).

### **Referências bibliográficas**

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Traduzido por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Traduzido por Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

- \_\_\_\_\_. **Discurso na vida e discurso na arte.** Traduzido por Cristóvão Tezza. New York: Academic Press, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Traduzido por Paulo Bezerra. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer.** Traduzido por Sergio Miceli e outros. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A dominação masculina.** Traduzido por Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Traduzido por Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Difel, 1990.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Traduzido por Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e punir.** Traduzido por Raquel Ramallete. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso.** Traduzido por Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** Traduzido por Roberto Machado. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FREUD, Sigmund. **Psicopatologia da vida cotidiana.** Traduzido por Álvaro Cabral. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.
- \_\_\_\_\_. **Sobre os sonhos.** Traduzido por Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Os chistes e a sua relação com o inconsciente.** Traduzido por Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** Traduzido por Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1973.
- \_\_\_\_\_. **Totem e tabu.** Traduzido por Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O mal-estar da civilização.** Traduzido por José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.
- VIGNER, Gerard. Intertextualidade, norma e legibilidade. In: GALVEZ, Charlotte, et. al. **O texto: leitura e escrita.** Campinas, SP: Pontes, 1988. p. 31-37.